



Galeria escura Estes filmes vêem-se como se fossem pinturas

★★★★

Ken Jacobs

Galeria Solar (Vila do Conde), até 12 Set

Quis o destino que a exposição de Ken Jacobs fosse inaugurada quando *Shirin*, o filme de Abbas Kiarostami, estava em exibição. Faz-se a referência por serem duas formas de reconciliar o olhar com o tempo, sendo também provas extremas de respeito pelo espectador. A partir daqui, separam-se nas suas genealogias e formas, avançando com modos distintos de trabalhar as suas propostas. Enquanto o modo de Kiarostami segue o da tradição oral e da emoção, Ken Jacobs segue a via da pintura e da percepção.

Action Cinema é um nome dúbio que Jacobs associa à *action painting*. E o que é que este cinema

tem a ver com o expressionismo abstracto? Acima de tudo, uma cumplicidade. A *action painting* era a pintura da velocidade e os filmes desta exposição são o cinema da suspensão. Encontram-se num ponto intermédio, que é tão imaginário como concreto. O simples facto de vermos estes filmes expostos, em vez de projectados em sala, ajuda nessa aproximação.

Ken Jacobs decompõe imagens, repete acções, cria ilusões de óptica, para abrandar a máquina de processamento em que o ser humano se tornou. Perante estes filmes, vemos aquilo de que são feitos o cinema e a percepção, algures entre a luz e a velocidade. Recua-se até às origens do cinema, se calhar até ao dia em que Méliès assistiu a uma projecção dos irmãos Lumière. *Sérgio Gomes da Costa*

Contra o Muro

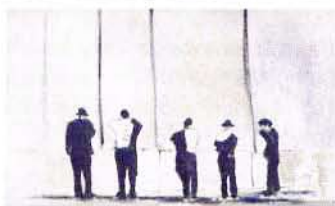
★★★★

Marlene Dumas

MAC Serralves, até 10 Out

Não é só um muro que se encontra na exposição de Marlene Dumas. É esse muro e suas consequências. Acontece do seguinte modo: o muro está nas paredes, as consequências nos títulos. Mesmo que sejam rostos, são muros que devemos ver. Mesmo que pareçam nomeações, são consequências que devemos ler.

Exemplo prático: os quatro rostos alinhados à entrada são vistos com os olhos que medem o muro, de quem lhe conhece os lados. Os títulos dizem-nos quem



Os corpos também podem ser muros

são, mas só nos aproximamos quando sabemos de que lado estamos. Há também um auto-retrato de Marlene Dumas. Chama-se "O Sono da Razão". Ai já houve alguma coisa que ruiu, e o que aconteceu a seguir dava para encher um museu. *Sérgio Gomes da Costa*

Sob o foco
Ken Jacobs

É uma das figuras imprescindíveis do cinema experimental. Uma conversa com Ken Jacobs a propósito da exposição na Galeria Solar.

Muito do que faz passa pela percepção e pela liberdade que dá aos espectadores.

Absolutamente. Há muito para ver, mas só vemos uma parte e imaginamos o resto. Não vemos tudo, vemos uma grande mancha que é o mundo. Estou a fazer um filme que se chama *Space Flaws*, em que mostro acontecimentos impossíveis que se tornam normais quando os vemos a uma velocidade convencional.

Quando há um conteúdo político a evidenciar, será a manipulação da percepção uma forma de ultrapassar certas barreiras culturais?

Sim, penso que sim. O uso da percepção pode conduzir-nos a outras áreas. No meu caso aconteceu isso. Mas não tenho muita esperança. Li hoje de manhã que as pessoas estão a gastar cada vez mais dinheiro em lotarias. É um novo imposto que criaram a si próprias. Quanto mais ignorantes mais gastam.

Nesta exposição sentem-se as ligações com a pintura. É algo que esteja a aprofundar?

É algo que se vai desenvolvendo. Sinto que a minha mente está a seguir nessa direcção. Acredito no subconsciente, adoro a mente

e os presentes que ela me oferece. Muito do que o Hans Hoffman dizia nas aulas era confuso. Era doloroso não perceber. Por isso olhava e olhava para as telas até algo acontecer. A ilusão de óptica tem sido muito denegrida, há coisas muito interessantes que vêm daí.

Podemos dizer que há também uma conversa com a história do cinema?

Não quero ser tão filosófico. Até sou, mas não quero seguir por aí. Aquelas imagens são um instante de maravilhamento que eu retenho. Os filmes são frágeis, estragam-se e ganham uma vida própria. São algo que aconteceu no mundo mas depois começam a registar a sua própria vida. Acho isso muito comovente.

Num determinado ponto da história discutiu-se o papel do cinema e da fotografia na arte. O Walter Benjamin andava preocupado por se estar a perder a aura...

Desculpa Benny, mas isso é uma tretal! Tivemos de nos ajustar a uma nova realidade. E depois do expressionismo abstracto tivemos de nos ajustar às galerias de arte. A sociedade passou a ser uma tela. São insultos espertos.

